

A RELAÇÃO COLONIZADO E COLONIZADOR: UMA ABORDAGEM INTERCULTURAL EM A TEMPESTADE

Alberto Adalberto Madeira Júnio (Professor/IESM)

Resumo: Shakespeare sugere em sua peça, A Tempestade, a exploração de um grupo de nativos, que têm sua ilha invadida por estrangeiros com a intenção de colonizá-los e se apoderar da ilha. Fazendo uma relação da ocupação da referida ilha com o processo de colonização do Brasil, este trabalho se propõe a discutir as formas de exploração dos indígenas brasileiros pelos navegantes portugueses e mais tarde, pela Coroa que se instalaria na colônia transformando-a em metrópole tornando crescente o sistema de escravização e, ao seu modo, civilização dos nativos brasileiros. O trabalho discute ainda as imposições por parte dos invasores que obrigam os nativos a mudarem seus hábitos, costumes, cultura e até mesmo a língua, passando pela participação dos padres Jesuítas no processo de colonização do Brasil, sempre estabelecendo comparação entre a figura de Caliban, a verdadeira representação do colonizado na peça shakespeariana, com a do indígena brasileiro, buscando mostrar uma abordagem intercultural na relação do colonizador-colonizado nas duas situações: a peça do escritor inglês e a história da colonização brasileira.

Palavras-chave: A Tempestade. Colonização. Índio brasileiro. Interculturalidade

Este trabalho é uma análise da relação entre colonizador e colonizado em A Tempestade, uma peça escrita por William Shakespeare. Como o primeiro provoca mudanças no segundo, tais como: nos hábitos, na cultura e na língua. Será analisado principalmente o personagem Caliban que pode ser considerado um símbolo do colonizado, considerando o aspecto intercultural, fazendo uma ligação com a colonização brasileira por Portugal.

Shakespeare é um dos mais famosos escritores ao longo dos séculos. Ele escreveu várias peças, poemas e sonetos que são conhecidos e famosos mundialmente. A Tempestade foi escrita por volta de 1661 e tem sido discutida sob diferentes pontos de vista.

O trabalho busca analisar o papel dos personagens de A Tempestade, de Shakespeare e a relação entre o colonizador e o colonizado bem como alguns aspectos que podem causar conflitos entre ambas as partes. Em especial, analisa o papel de Caliban já que se torna uma espécie de rebelde poderoso que enfrenta seus “governantes” após ser humilhado e trabalhar duro para servir Prospero e sua filha Miranda.

A análise será do ponto de vista intercultural, comparando a história de Shakespeare com a escravização dos índios brasileiros pelos colonizadores portugueses e tem aporte teórico em COHEN (2005), CHAUI (2000), FAUSTO (1996), SANTIAGO (1980) entre outros.

A história apresenta certa complexidade no que diz respeito ao papel do colonizador e do colonizado que será analisado neste trabalho.

A PEÇA

Prospero, um poderoso mago, foge com sua filha Miranda depois de ter seu reino usurpado por seu irmão Antonio. Eles chegam a certa e desconhecida ilha onde decidem estabelecer um novo reino, tornando os nativos da ilha seus escravos, impondo sua língua, modo de vida e crenças aos nativos, enquanto planejam vingança ao seu irmão Antonio e aqueles que contribuíram para seu declínio.

Prospero tem Caliban, um nativo, e Ariel, um espírito assexuado, como seus escravos. Este espírito e Prospero juntam seus poderes mágicos e, através de uma embarcação, trazem alguns “inimigos” para a ilha na intenção de enlouquecer Caliban.

A peça apresenta principalmente pessoas fortes que lutam por seus direitos e clamam por dignidade.

SOBRE CULTURA E INTERCULTURA

O dicionário *Oxford Complete Word Finder* (1996, p. 341) define cultura como: “as artes e outras manifestações do intelectual humano resguardados os que se alcança coletivamente; a refinada compreensão disto. Os costumes, civilização e alcance de um tempo particular de uma pessoa.”. De acordo com Aurélio Buarque de Holanda (2008, p. 280), cultura é “ato, efeito de cultivar. O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente e típicos de uma sociedade”.

Para Chauí (2000, p. 293) cultura é uma transformação racional, é “a relação dos humanos com o tempo e no tempo”, isto é, cultura significa interação do ser humano com o tempo, espaço onde se vive e a natureza, relação que pode mudar e sofrer variações. A autora completa:

em sentido antropológico, não falamos de cultura, no singular, mas de culturas, no plural, pois a lei, os valores, as crenças, as práticas e instituições variam de formação social para formação social. Além disso, uma mesma sociedade, por ser temporal e histórica, passa por mudanças culturais amplas. (CHAUI, 2000, p. 295)

Assim, cada sociedade ou comunidade deve ter seu próprio estilo de vida, hábitos, crenças e memórias que devem ser chamados memorial de cultura desta sociedade ou comunidade ou simplesmente cultura. Interculturalidade é quando outros pensamentos vêm para certos povos mudando suas manifestações e trazendo novos ideais, até mesmo outras palavras ou idiomas.

Pessoas que têm sua cultura invadida por tais novas manifestações geralmente tornam-se culturalmente escravas, pois, na maioria das vezes, elas abandonam sua própria cultura ou, pelo menos, vivenciam mais a do outro.

De acordo com Cohen (2005, p. 142) “a visão que o nativo tem do estrangeiro que mora em seu país é uma visão carregada de sentido, não é uma visão neutra e muito menos indiferente”.

Assim, o nativo reconhece diferenças entre nativos e estrangeiros cuja maioria é considerada obstáculos tornando-se repulsa do estrangeiro – o estranho – pelo nativo em alguns casos, já que se quer “quebrar esta tendência de caráter baseada em perceber o outro como portador de sinais não reconhecíveis em nós”, conclui Cohen (2005, p. 143), reforçando a ideia que cada grupo (país, sociedade ou comunidade) tem seu próprio propósito que se baseia em uma estrutura cultural que é particular a cada grupo.

FAZENDO COMPARAÇÕES (A ANÁLISE)

Shakespeare mostra essa visão muito claramente na sua peça A Tempestade.

Realização



Apoio



Prospero invade o território de Caliban fazendo este e seus parceiros escravos não apenas em termos do trabalho forçado, mas também pela imposição da cultura, pensamentos e até mesmo a língua do invasor.

Prospero é o protótipo do colonizador Europeu. Seu poder é sugerido em seu nome, *Prospero* que significa bem sucedido e afortunado. Ele é o próprio colonizador, o desejo de posse. Prospero quer um novo império e poder. Então ele e sua filha Miranda precisam de trabalhadores – escravos. Por outro lado, riqueza e poder atraíam o colonizador já que é da natureza humana o desejo pelo poder e posses.

Assim como Prospero, a Família Real Portuguesa veio para o Brasil por que não era bem aceita em seu país. Na verdade, ela perdeu seu reinado em Portugal. “Tropas francesas cruzaram a fronteira de Portugal com a Espanha e avançaram em direção a Lisboa. O Príncipe Dom João, [...] decidiu, em poucos dias, pela transferência da Corte para o Brasil.” (FAUSTO, 1996, p.121). Pode-se perceber que os nobres portugueses não vieram para a nova terra por vontade própria, mas foram forçados a fazer isso. De fato, eles foram expulsos de sua nação.

Apesar de serem diferentes, pois Prospero fez da ilha uma verdadeira colônia uma vez que já era habitada quando seu grupo chegou, enquanto a Família Real Portuguesa chegando ao Brasil já encontrou uma colônia, tornando-a uma metrópole, isto é, estabeleceu seu reino, pode-se perceber certa familiaridade no que tange às razões pelas quais ambos, Prospero e a Corte Portuguesa, procuravam uma nova terra. Mais que isso, eles precisavam recuperar o poder que eles perderam na sua terra de origem.

Caliban vive em uma ilha com algumas criaturas. A ilha é mágica e habitada por espíritos e monstros. Isto reflete a imagem que o colonizador tem do colonizado e também que os colonizadores não conhecem as terras que passam a colonizar. Assim foi com os europeus em relação à América. Sabe-se que o objetivo dos europeus era conquistar mais e mais espaço no então chamado novo mundo e ampliar seus impérios.

Eles queriam apropriar-se do território incluindo os nativos que poderiam trabalhar para eles livremente. Esta exploração incluía o controle dos colonizados e suas terras, natureza, animais, língua, tradições, cultura e hábitos.

De acordo com SANTIAGO (1980, p. 2) “Resta-lhe memorizar e viver com entusiasmo uma ‘ficção’ europeia (portuguesa, em particular) que se transcorre num grande palco que é a sua terra. E já no século XX nem mais a terra é sua” (destaque do autor). Na verdade, os índios tornaram-se outros europeus, ou pelo menos era para serem iguais aquele povo branco, em costumes e crenças.

SANTIAGO (1980, p. 2) declara ainda: “Dentro dessa perspectiva etnocêntrica da colonização é basicamente uma operação narcísica, em que o outro é assimilado à imagem refletida do conquistador [...]”. O que significa que os nativos brasileiros não poderiam ser outra pessoa, uma pessoa diferente. Eles tinham de ser o mesmo que os europeus. Como Caliban e outros nativos da ilha não poderiam ser eles mesmos por causa das imposições de Prospero que tentava transformá-los no que ele chamava de civilizados.

Como estratégia para dominar pessoas, o colonizador é apresentado como superior, civilizado em relação ao colonizado que é selvagem e não tem cultura, sentimentos nem conhecimento. Pode-se perceber várias partes da história onde Prospero humilha seu subalterno. No começo da peça (ato I, cena II), Prospero se refere a Caliban como “filho de uma bruxa”. Miranda, sua filha, também briga com o escravo (ato I, cena II) dizendo que ele não é uma pessoa (no que diz respeito à dignidade, personalidade), “então, como selvagem” e “mas tua vil raça”, e também quando Prospero conversa com Caliban outra vez, dizendo: “Vem para fora, escravo venenoso, pelo próprio diabo gerado em tua mãe maldita!” (ato I, cena II). Os colonizadores não veem o colonizado como pessoa, mas como criaturas, eles não são humanos, mas apenas parte da terra que é conquistada.

“Quando os Europeus chegaram à terra que viria a ser o Brasil, encontraram uma população ameríndia bastante homogênea em termos culturais, linguísticos.” (FAUSTO, 1996, p. 37). Os indígenas foram forçados a trabalhar para os invasores portugueses. Eles eram tratados como selvagens, pessoas sem religião, sem Deus, sem alma.

Shakespeare apenas sugere que a ilha era inabitada antes da chegada de Prospero, o que parece um encontro amistoso entre os que mais tarde serão chamados colonizador e colonizado. Entretanto, Prospero considera seu conhecimento sobre a ilha como uma descoberta já que a ideia de descoberta no contexto colonial significa se apropriar do conhecimento do nativo, além de sua terra e seus recursos.

A ideia que os portugueses descobriram o Brasil perdurou por muito tempo, mas hoje se sabe que isso não procede. Na verdade, os colonizadores já conheciam a terra que colonizariam mais tarde. Mais que isso, quando os navegadores portugueses chegaram ao Brasil eles encontraram brasileiros originais que eram os verdadeiros donos da terra. Portanto não foi uma descoberta, mas um encontro com outros povos.

A ilha pertence a Caliban. Sua mãe Sycorax, que era uma bruxa, fora expulsa da ilha por Argelia, que decidiu não matá-la porque Sycorax estava grávida. Caliban ganha a ilha como herança.

Às vezes, o colonizador recebe apoio e ajuda do colonizado no processo de colonização. Os europeus tinham conhecimento científico e tiravam vantagem da ingenuidade dos nativos dando-lhes bom tratamento, sendo generosos. Este aspecto pode ser visto na lamentação de Caliban por acreditar em Prospero: “Esta ilha é minha; herdei-a de Sycorax, a minha mãe” (ato I, cena II).

Caliban parece reclamar e reconhecer sua condição de escravo, “quando aqui chegaste; fazias-me carícias e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam. Naquele tempo, tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril... Seja eu maldito por havê-lo feito” (ato I, cena II). Agora Caliban clama por sua dignidade em um momento de consciência.

Ele lembra Prospero de sua bondade no início. Caliban também clama por sua terra que Prospero roubou. A história mostra, algumas vezes, que o colonizado parece se rebelar com a retirada da sua terra pelo colonizador, lutando arduamente por independência.

A beleza dos europeus encantou os primeiros habitantes das terras brasileiras e suas roupas, bem como acessórios. Os colonizadores tentavam trocar seus pertences com os objetos dos índios buscando atrair os nativos brasileiros.

Caliban representa a outra parte. Ele é demonizado, parece um monstro. Prospero não o respeita em nenhum aspecto, como o colonizador em relação ao colonizado. Depois de ter toda a sua terra, cultura, costumes e dignidade, o colonizador humilha-os, como se eles fossem estranhos (estrangeiros) na sua própria terra.

Em *A Tempestade* há muitas similaridades com a colonização portuguesa no Brasil. Por exemplo, quando Prospero diz a Caliban: “Escravo mentiroso, só pancada te pode comover, nunca o bom trato. Sujo como és, tratei-te como gente, alojando-te em minha própria cela...” (ato I, cena II). Prospero age como se a ilha fosse dele próprio, desrespeitando a autoridade e a propriedade de Caliban, mudando as regras como se o nativo tivesse invadido o território de Prospero. Percebe-se que o discurso do poder exclui o colonizado, não há singularidade, mas massa; o que era sujeito torna-se objeto.

A colonização portuguesa também foi para mudar a mentalidade e pensamentos dos índios que foram catequizados pelos padres e religiosos portugueses. Os nativos brasileiros tinham de aprender a religião, a cultura e os costumes portugueses. O que poderia ser considerado amizade antes, tornou-se escravidão. Os colonizadores não queriam mais os índios como escravos, pois estes não eram bons trabalhadores. Para os colonizadores eles eram preguiçosos, apenas pescavam e caçavam.

a chegada dos portugueses representou para os índios uma verdadeira catástrofe. Vindos de muito longe, com enormes embarcações, os portugueses, e em especial os padres, foram associados na imaginação dos tupis aos grandes xamãs (pajés), que andavam pela terra, de aldeia em aldeia, curando, profetizando e falando-lhes de uma terra de abundância. (FAUSTO, 1996, p. 40)

A estratégia de dominação através do poder sofrido pelo trabalho forçado árduo e não pago, punição, além de ameaças que obrigam os mais fracos a se submeterem às ordens do mais forte são muito evidentes na peça.

A peça foi escrita quando a Inglaterra procurava colônias na América – as que formariam os Estados Unidos mais tarde – mais intensamente. Provavelmente isso inspirou o autor. Vê-se algumas estratégias de colonização e resistência em *A Tempestade*.

A língua também é uma importante ferramenta usada pelo colonizador no processo de colonização; ela é imposta ao colonizado como um meio de “civilizar” este. A Inglaterra usou a Língua Inglesa como instrumento ideológico para convencer o colonizado da sua inferioridade, uma vez que a língua é um sistema social, não individual; e assim também fizeram os portugueses com os índios brasileiros.

Falar uma língua é expressar os significados inseridos nesta e nos sistemas culturais. Assim, costumes e princípios podem trazer ao colonizado o sentimento de inferioridade. No diálogo com Miranda, Caliban ouve dela: “Tive piedade de ti; não me poupei canseiras, para ensinar-te a falar, não se passando uma hora em que não te dissesse o nome disto ou daquilo. Então, como selvagem, não sabias nem mesmo o que querias; emitias apenas murmúrios, tal como os brutos; de palavras várias dotei-te as intenções, para que pudesses torná-las conhecidas.” (ato I, cena II).

A luta entre colonizador e colonizado acontece dessa forma, Caliban usa a seu favor a língua do colonizador que lhe é imposta: “A falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos carregue, por me terdes ensinado a falar vossa linguagem” (ato I, cena II). O nativo tenta por um fim na sua condição de subalterno e ainda brinca com a aprendizagem da língua européia que é comumente encarada como um elemento civilizado e uma vantagem para o colonizador. Caliban também se torna um símbolo da luta contra o colonizador quando usa a língua do oponente para praguejá-lo, subvertendo o opressor.

Assim, o leitor pode inferir em *A Tempestade* que o europeu considera o nativo um selvagem e o ensinamento da língua do invasor é para forçar o nativo a abandonar a sua cultura, mudando para uma supostamente melhor. Até mesmo forçando-os a mudar os nomes de objetos que eles costumavam chamar usando certos nomes.

Eles têm de usar a língua imposta, perdendo muito de suas origens como os índios brasileiros, que mudaram até mesmo suas divindades já que a maioria tornou-se cristã por causa dos padres Jesuítas que aprenderam primeiro a língua indígena – tupi guarani – talvez para conseguir se aproximar dos nativos e, assim, impor-lhes sua própria língua, como a história atesta.

Apesar de o discurso oficial excluir a presença dos nativos ou mostrá-los como seres inferiores que precisam ser civilizados, o conhecimento colonial também acontece através da relação com os nativos ou a incorporação de suas ideias.

Primeiro o colonizador exalta o colonizado. Eles aprendem e vivenciam os hábitos e costumes dos nativos. Depois, eles dominam o colonizado com imposições como pode ser

visto nas palavras de Caliban para Prospero: “quando aqui chegaste; fazias-me carícias e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam. Naquele tempo, tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril...” (ato I, cena II). Prospero se apropria inclusive do conhecimento do povo colonizado.

Caliban recobra sua própria voz no sentido de enfrentar seu opressor. Em seu discurso, ele responde o europeu denunciando a intromissão, bem como a falta de respeito com as regras locais. Caliban também faz referência à sedução, que faz ele e os outros habitantes da ilha vítimas do sistema opressor. “Esta ilha é minha; herdei-a de Sicorax, a minha mãe.” (ato I, cena II). Percebe-se aqui um momento de certa consciência de Caliban quando ele reflete sua condição de escravo e dominado. Entretanto, ele encontra um meio de resistir e protestar, recusando a se submeter às imposições de Prospero.

Cohen (2005 p. 150) diz: “as identidades se definem a partir de critérios de homogeneidade [...] não como igualdade entre diferentes, e sim como regularidade, como harmonia entre pares a partir de padrões moralmente construídos”.

Prospero tentava dominar os habitantes da ilha pelo poder, da mesma forma que os navegantes portugueses – e a coroa portuguesa, mais tarde – em relação aos índios brasileiros.

Ambos os dominadores queriam impor seu conhecimento, seu poder e sua cultura aos nativos. Foi uma verdadeira dominação em vez de uma convivência amistosa.

Prospero começa o processo de colonização do espaço. Ele é o proprietário absoluto, precisa fazer uma realidade em que ele possa executar seu poder integralmente.

Assim, ele precisa de uma pessoa (um grupo ou comunidade) para estabelecer sua relação dominador-dominado. Caliban não é mais que isso. Quando a terra é conquistada o conquistador precisa do conteúdo da conquista e Caliban é esse conteúdo, assim como os Índios brasileiros tornaram-se o conteúdo dos “conquistadores” portugueses.

A tentativa de fazer os índios escravos falhou logo. Os nativos brasileiros não eram preguiçosos como pensavam os portugueses, eles apenas trabalhavam para sua subsistência, o que não era difícil, já que havia peixe e frutas em toda parte naquela época.

Além disso, os índios não costumavam trabalhar compulsoriamente como os europeus pretendiam. Eles usavam a maior parte da sua imaginação e poder em rituais. Como Caliban e os outros habitantes da ilha que costumavam viver livremente sem líderes ou subordinados a nenhuma ordem.

podemos distinguir duas tentativas básicas de sujeição dos índios por parte dos portugueses. Uma delas, realizada pelos colonos segundo um frio cálculo econômico, constituiu na escravidão pura e simples. A outra foi tentada pelas ordens religiosas, principalmente jesuítas, por motivos que tinham suas concepções missionárias. Ela consistia esforço para transformar os índios, através do ensino, em “bons cristãos” [...]. Ser “bom cristão” significava também adquirir os hábitos de trabalho europeus, com o que se criara um grupo de cultivadores indígenas flexível às necessidades da Colônia. (FAUSTO, 1996, p.49)

Chauí (2000) diz que as classes dominadora e dominante têm concepções diferentes e opostas sobre as causas dos eventos. E isto ocorre por causa “da imposição da cultura do dominante à sociedade inteira, como se todas as classes e todos os grupos sociais pudessem e devessem ter a mesma cultura, embora vivendo em condições sociais diferentes.” (CHAUI, 2000, p. 296).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caliban tornou-se uma metáfora. Ele pode ser visto como ‘um escravo selvagem e deformado’ como o próprio Shakespeare descreve na lista de personagens da peça. Pode-se vê-lo também como vítima inocente de um processo de colonização duro e descontrolado, mas que é capaz de enfrentar os tiranos. Escravo selvagem e deformado, Caliban, simultaneamente, fraco e forte, luta por seus direitos, estabelecendo preceitos de sobrevivência e resistência.

Os índios que se submeteram à escravidão portuguesa sofreram não apenas a violência cultural, mas também a violência física, as epidemias e até mesmo a morte. Como resultado do contato com o europeu resta uma população de raça mista e silenciosa na formação da sociedade brasileira.

A imagem estereotipada do colonizado é uma importante ferramenta na construção da ordem dentro e fora da colônia. Ela distorce a condição primeira do opressor, mostrando este como um selvagem, sem civilização, um processo interessante que muda o foco do colonizador para o colonizado tornando uma característica comum e necessária tão representativa em *A Tempestade*, bem como na história e na literatura inglesa.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. *Convite à Filosofia*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

COHEN, Néstor. El rol del estado ante las migraciones recientes desde la perspectiva de la población nativa. In *Relaciones interculturales: experiencias y representación social de los migrantes* / compilado por Néstor Cohen y Carolina Mera . Buenos Aires: Antropofagia, 2005.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 1996.

HOLANDA, Aurélio Buarque. *Mini Dicionário da Língua Portuguesa*. 14. ed. São Paulo: Positivo, 2008.

READER'S DIGEST. *OXFORD Complete Word Finder. A Unique Combination of Dictionary and Thesaurus*. New York: OUP, 1996.

SANTIAGO, Salviano. *Apesar de dependente, universal*. <disponível em: <http://ead.uespi.br/moodle/file.php/336/santiago.pdf>. Acesso em 16/02/2010>

SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*. Edição Ridendo Castigat Mores. Versão eletrônica disponível em: <www.jahr.org. acesso em 10/04/2009>.